

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Rafael Garcia Giovanoni

GUERRAS HÍBRIDAS E REVOLUÇÕES COLORIDAS

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Julio Cesar Gabrich Ambrozio

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **RAFAEL GARCIA GIOVANONI**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202173050, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **GUERRAS HÍBRIDAS E REVOLUÇÕES COLORIDAS**, desenvolvido durante o período de 08/2023 a 12/2023 sob a orientação de JULIO CESAR GABRICH AMBROZIO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 11 de Dezembro de 2023.

RAFAEL GARCIA GIOVANONI

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

GUERRAS HÍBRIDAS E REVOLUÇÕES COLORIDAS

Rafael Garcia Giovanoni¹

RESUMO

Ao longo da história, os métodos de guerra sempre acompanharam a evolução das sociedades e das tecnologias disponíveis. Conforme novas ferramentas surgiam e os cenários geopolíticos se transformavam, novos paradigmas bélicos emergiram para se adaptar às realidades estratégicas vigentes. Dentro deste contexto, o presente estudo teve como objetivo geral analisar os conceitos e as definições das revoluções coloridas de forma a compreender o que é uma revolução colorida e a guerra híbrida. Buscou-se contribuir também sobre como ocorrem esses fenômenos dentro do mundo contemporâneo. A metodologia empregada foi a revisão de literatura realizada através de levantamento de referenciais que embasassem o tema. Observou-se que tais atos geralmente acontecem por meio de protestos pacíficos que acabam gerando violência e desestabilização, assim como a manipulação da opinião pública por meio das redes sociais e mídia convencional. Essa situação acaba criando um cenário caótico no país em questão, permitindo que forças externas se aproveitem da ocasião para promover seus próprios interesses geopolíticos. Concluiu-se que a guerra híbrida é a continuação e aperfeiçoamento da guerra de quarta geração e que as revoluções coloridas estão diretamente ligadas a esse modelo de conflito. O que gera uma gama de novas frentes de combate e dificuldades para nações soberanas se manterem seguras e protegidas.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra Híbrida, Guerras não Convencionais, Revoluções Coloridas, Geopolítica

1. INTRODUÇÃO

A evolução das sociedades e das tecnologias disponíveis ao longo do tempo levaram à evolução dos métodos de guerra. As transformações nos equipamentos, nos meios de comunicação e no cenário geopolítico criaram uma realidade onde a guerra sai do campo de batalha e invade o cotidiano das pessoas a milhares de quilômetros de distância em segundos. Neste contexto dinâmico, onde novos paradigmas bélicos emergiram para se adaptar às realidades estratégicas vigentes, o analista militar William S. Lind propôs uma importante periodização dos modos de guerra moderna, dividindo-os em quatro gerações distintas, compreendendo o período entre os séculos XVII e XXI. Para Lind, cada geração representou adaptações táticas e doutrinárias significativas em resposta aos desafios do momento.

Logo no início do século XXI, o termo "guerra híbrida" ganhou relevância, sendo utilizado para descrever novas abordagens que misturavam elementos convencionais e não convencionais das guerras. Tais abordagens foram muito evidenciadas nos conflitos dos norte-americanos no Afeganistão, na guerra entre Israel e o Hezbollah e na guerra travada pela Rússia na Ucrânia.

Neste trabalho, apresentaremos inicialmente a periodização proposta por Lind para as quatro gerações da guerra moderna. Em seguida, abordaremos o conceito de guerra híbrida que surgiu para caracterizar estratégias que combinam diferentes modalidades de combate de forma integrada. Por fim, discutiremos como as revoluções coloridas se fazem presentes na guerra híbrida.

Pretende-se com isso elucidar a constante diversificação dos modos de guerra ao longo da história, na intersecção entre as alterações sociais e tecnológicas. Além disso, compreender como novos formatos de conflito, como a guerra híbrida, desafiam os Estados e exigem modernas abordagens estratégicas.

2. AS 4 GERAÇÕES DA GUERRA MODERNA

Ao longo da história, os conflitos armados sempre acompanharam a evolução das sociedades humanas. À medida que novas tecnologias surgiam, que ideologias e culturas entravam em disputa, os métodos de guerra também precisavam se adaptar. Reconhecendo esta dinâmica, William S. Lind, diretor do Center for Cultural Conservatism at the Free Congress Foundation à época, sistematizou a compreensão das transformações ocorridas nos campos de batalha ao propor uma periodização das guerras modernas em quatro gerações distintas.

Segundo Lind, cada geração apresentou adaptações táticas e doutrinárias significativas, em resposta a novas realidades estratégicas ou limitações impostas pelas formas anteriores de combate. Ao longo dos séculos

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: rafael.garcia@estudante.ufjf.br, Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Julio Cesar Gabrich Ambrozio.

XVII a XXI, observa-se um amadurecimento contínuo na condução dos conflitos que acompanhou o progresso social e tecnológico.

As principais características atribuídas por Lind a cada uma das quatro gerações da guerra moderna serão abordadas nos parágrafos a seguir. Pretende-se elucidar como as transformações sociais criaram as condições para novas abordagens bélicas ao longo do tempo, e como estas influenciaram decisivamente a História mundial. Tal periodização contribui para uma visão mais aprofundada sobre a evolução dos métodos e paradigmas de combate.

A primeira geração da guerra moderna vai de 1648 a 1860 e é caracterizada pela formação compacta em linhas e colunas, campos de batalha bem definidos e ordenados tendo funções e hierarquias bem definidas. Também há a afirmação do Estado Soberano Territorial; utilização de soldados profissionais e/ou recrutamento forçado com treinamento militar; a constituição e fortalecimento da hierarquia, com diferenciação entre civis e militares (uniformização); e utilização de protocolos de procedimentos e técnicas e manuais. Mas na metade do século XIX com a crescente desordem nos campos de batalha “ordenados” e evolução dos equipamentos esse modelo de combate se torna obsoleto.

Já a segunda geração da guerra moderna é desenvolvida pelo Exército Francês, durante e após a primeira guerra mundial. Essa geração surge para tentar acabar com contradição entre a cultura da ordem e o ambiente militar. Pautada no poder de fogo em massa, através do fogo de artilharia indireto e concentrado e sincronizado que objetivava exaurir as forças adversárias, para que a infantaria e tanques conseguissem ocupar o território sem muito desgaste. Tem-se então o foco rigoroso em regras, processos e procedimentos, o que fez com que a iniciativa fosse abolida dos processos, pois poderia prejudicar a sincronia dos componentes integrantes e fez com que a obediência torna-se essencial para o bom andamento dos combates.

A terceira geração da guerra moderna, também foi resultado das experiências adquiridas pelo Exército Alemão na primeira guerra mundial. Ficando conhecida como “blitzkrieg” ou guerra relâmpago. Esta geração de guerra não é mais baseada no poder de fogo em massa e no atrito de duas frentes de batalha, mas sim na velocidade, na surpresa e no deslocamento físico e mental. Buscando atacar a frente de combate inimiga pela sua retaguarda e não mais pela sua frente. Com isso a necessidade de se obedecer a métodos e procedimentos é descontinuada e a iniciativa passa então a ser valorizada levando a uma maior autonomia dos oficiais. Sobre essa geração.

Por fim, a quarta geração da guerra moderna é desenvolvida, exportando características da terceira geração, como a descentralização e a iniciativa, mas nela o Estado perde o monopólio da guerra, assim levando a estados combaterem inimigos não estatais. Essa geração é também marcada por uma guerra de culturas e pela crise na legitimidade dos Estados.

A periodização proposta por Lind demonstra de forma clara a evolução orgânica das diferentes gerações de guerra. Cada uma representou uma adaptação às limitações impostas pelas anteriores, à medida que novas tecnologias e condições iam surgindo no campo de batalha. Mas não apenas os métodos bélicos se adaptaram, o autor destaca como cada geração também trouxe mudanças significativas nas culturas militares, variando o grau de ênfase em valores como ordem, iniciativa e flexibilidade tática. Isso evidencia o quão intrinsecamente ligados estão os elementos doutrinários e os próprios métodos de guerra empregados.

Particularmente relevante aos dias de hoje é a quarta geração, cujas principais características como o retorno de atores não estatais e o recrudescimento de conflitos culturais refletem tendências observadas nos cenários contemporâneos. Nesta geração, fica clara a perda cada vez maior do monopólio estatal sobre a condução bélica.

Além disso, nota-se uma abrangência cada vez maior das ações empregadas nestas modernas formas de guerra, que ultrapassam os limites exclusivamente militares e englobam esferas políticas, econômicas e sociais. Como exemplo disso temos a chamada guerra híbrida, que deriva diretamente da guerra de quarta geração, sendo classificada como guerra não convencional ou guerra assimétrica.

Por fim, é interessante observar como as profundas transformações nas próprias sociedades são capazes de gerar as condições necessárias para mudanças significativas na natureza dos conflitos armados ao longo do tempo, revelando o caráter evolutivo e adaptativo que marca as diferentes gerações de guerra ao longo da história.

3. GUERRA HÍBRIDA

O conceito de guerra híbrida ganhou relevância no início do século XXI, quando potências militares ocidentais se envolveram em ambientes complexos e desafiantes como o Afeganistão e Iraque. No entanto, esse tema adquiriu maior importância após a anexação da Crimeia e a intervenção militar russa no leste da Ucrânia.

Tais ações levaram a Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN (em inglês NATO – North Atlantic Treaty Organization) a classificar a abordagem russa como guerra híbrida e a atribuir grande relevância ao preparo para enfrentar futuras ameaças dessa natureza. Em 2014, na Declaração Final da Cimeira de Gales, a OTAN novamente faz referência ao termo e reafirma a necessidade de os líderes da Aliança assegurarem que a organização esteja adequadamente preparada para lidar com os desafios específicos colocados pelas ameaças híbridas que envolvem diversas ações militares e paramilitares, além de ações civis, utilizadas de forma integrada (NATO, 2014).

Cabe ressaltar que atualmente os Norte Americanos e a OTAN atribuem as noções de guerra híbrida aos russos como principais utilizadores desses métodos, mas como já demonstrado no livro “A Segunda Guerra Fria” de Luiz Alberto Moniz Bandeira, os Estados Unidos da América, desde a Guerra Fria (1947-1991) e até atualmente utilizam a CIA (Central Intelligence Agency) e diversas empresas de fachada para financiar, treinar e armar grupos terroristas, que atuaram e atuam na Eurásia, na África do Norte e no Oriente Médio, afim de desestabilizar países não alinhados com a política Norte Americana.

Embora o conceito de guerra híbrida não seja plenamente consensual, o termo "guerra híbrida" tem sido empregado desde 2005 para descrever estratégias que combinam táticas convencionais e não convencionais. Foi usado inicialmente para caracterizar a abordagem do Hezbollah na segunda guerra do Líbano em 2006, quando este grupo mesclou operações militares tradicionais e guerrilha, anulando em parte a superioridade tecnológica de Israel. Mais recentemente, o Estado Islâmico também foi descrito como empregando uma estratégia híbrida desde 2013, combinando táticas militares regulares com terrorismo, crime organizado e operações cibernéticas. De forma geral, nos estudos sobre guerra, pode-se definir o termo "híbrido" como a junção de métodos convencionais e não convencionais por meio do emprego simultâneo de forças regulares e irregulares.

Outra controvérsia que envolve o assunto está relacionada a sua origem, visto que ainda não há acordo sobre seu começo. Com alguns teóricos afirmando não se tratar de um fenômeno novo, utilizando exemplos históricos como a Revolução Americana (1765 a 1783), em quando milícias populares atuaram junto com o Exército Continental, e a guerra do Vietnã (1955 a 1975), quando o Exército do Norte do Vietnã combinou operações com as táticas irregulares dos vietcongues. Mais recentemente vimos, na invasão Iraque em 2003 a mistura de forças regulares e irregulares, visto a natureza adaptável dos insurgentes. Além disso, temos os acontecimentos como os ataques de 11 de setembro e a guerra entre Israel e Líbano em 2006, que contribuíram para o desenvolvimento de teorias sobre o tema, dando ênfase na assimetria inerente a este fenômeno. Entretanto, seu estudo aprofundado é algo relativamente recente.

O analista militar norte-americano Frank Hoffman desempenhou papel relevante na formulação das teorias sobre guerra híbrida. Em seu artigo de 2007, Hoffman discute como esse modelo de guerra incorpora uma variedade de meios, incluindo capacidades convencionais, táticas irregulares, terrorismo, violência indiscriminada e crimes. Em contraste aos conflitos anteriores, onde componentes regulares e irregulares atuavam em teatros distintos, na guerra híbrida essas forças se tornam indistintas. Atuando em simbiose em uma mesma área de combate.

Nas guerras híbridas, busca-se desestabilizar governos e instituições adversárias criando caos e um vácuo de poder, misturando a letalidade do confronto entre Estados por meios convencionais com o fervor prolongado da guerra irregular típica de acontecimentos não estatais.

Assim um dos principais objetivos das guerras híbridas é justamente a desestabilização governos e instituições oponentes por meio da combinação das capacidades e técnicas convencionais dos exércitos regulares com aquelas táticas irregulares e não convencionais usualmente associadas a grupos terroristas, milícias e outras organizações paramilitares, de modo a potencializar os impactos da confrontação e dificultar a resposta estatal pelo nível de assimetria envolvida.

3.1 AS REVOLUÇÕES COLORIDAS, DENTRO DA GUERRA HÍBRIDA

Para o escritor Andrew Korybko, temos como partes constituintes da guerra híbrida, as guerras não convencionais e as revoluções coloridas. Sendo para ele que a definição de "guerra não convencional" se refere a qualquer forma de conflito que não siga os padrões das guerras tradicionais travadas entre exércitos regulares de Estados nacionais. Isso inclui táticas de guerrilha, insurreição urbana, sabotagem e terrorismo, conhecidas como guerra irregular. Envolve também combatentes não convencionais como mercenários e outros atores não estatais, além de forças especiais uniformizadas. Diferentemente das guerras convencionais, não depende de tanques, soldados e linhas de frente bem definidas, o que a torna altamente não-linear e caótica. Geralmente o ataque ao inimigo é feito de forma indireta, buscando causar o caos. “Ela é para o tangível o que as revoluções

coloridas são para o intangível, ou seja, o caos armatizado e direcionado com a intenção de cumprir os objetivos de troca de regime.” (KORYBKO, 2018, p. 74).

Para ele, a guerra não convencional difere das forças militares tradicionais na medida em que não busca o sucesso mediante a destruição direta de unidades inimigas. Seu êxito se dá ao abalar o adversário e mantê-lo em constante desequilíbrio, até que surja a oportunidade certa para um ataque decisivo. Dessa forma, a guerra não convencional não tem êxito da mesma maneira que os métodos militares convencionais, ou seja, por meio da aniquilação do potencial bélico inimigo em confrontos diretos. Seu triunfo se constrói abalando as estruturas do oponente ao longo do tempo, de modo a criar as condições para um golpe final quando a ocasião apropriada surgir, ao invés de buscar vitórias imediatas no campo de batalha. Assim:

A guerra não convencional não acontece sozinha e espontaneamente; em vez disso, ela é a continuação de um conflito já existente na sociedade, e a função da guerra não convencional é ajudar um movimento contra o governo atuando dentro desse conflito a derrubar as autoridades. A guerra híbrida levanta a hipótese de que o conflito pré-existente em questão é uma revolução colorida fabricada externamente e que a guerra não convencional pode ser iniciada de forma secreta quase que imediatamente após o início da revolução colorida para atuar como um multiplicador de forças. A campanha de uma guerra não convencional cresce em intensidade até que o governo alvo seja derrubado. Se a revolução colorida fracassa, contudo, a guerra não convencional, por fim assume seu estágio de levante e começa a enfatizar a letalidade extrema em seus métodos. A guerra não convencional basicamente se desenvolve a partir de uma revolução colorida, que, em si, é uma semente plantada estrategicamente com a justificativa da "luta pela libertação democrática", como é habitualmente retratado de maneira enganosa pela mídia ocidental. (KORYBKO, 2018, p. 73).

Korybko aponta que outro importante elemento característico da guerra híbrida é o emprego de revoluções desencadeadas e apoiadas externamente, um dos recursos geopolíticos mais recentes e eficientes usados para promover desestabilização em nações-alvo. Esse autor se refere aos movimentos internamente fragmentados que fazem uso de símbolos e identidades cromáticas para promover alterações de poder, geralmente contando com a assistência externa de potências como os EUA. Tais revoluções, embora aparentem surgir de forma espontânea a partir de insatisfações domésticas, na verdade funcionam como ferramentas de ingerência para alterar equilíbrios geopolíticos de acordo com os interesses de atores externos.

Ao promover caos interno e mudanças abruptas de governo por meios não eleitorais, as chamadas "revoluções coloridas" se encaixam perfeitamente na lógica híbrida de associar elementos convencionais e não-convencionais para atingir objetivos estratégicos de forma indireta e assimétrica. Segundo a análise de Korybko, portanto, essas revoluções contemporâneas devem ser entendidas como componentes chave da guerra híbrida moderna, por sua capacidade de influenciar outras nações sem recorrer abertamente à força militar.

As revoluções coloridas são um dos mais novos modelos para desestabilização de Estado. Elas permitem que atores externos manifestem negações plausíveis quando acusados de interferir ilegalmente nos assuntos domésticos de um Estado soberano, e a mobilização em massa do 'poder do povo' faz delas altamente eficazes na óptica da mídia mundial. Além disso, o aglomerado de muitos civis protestando contra o governo também aumenta a pressão sobre ele e limita suas opções para lidar com eficiência contra a desestabilização em andamento. Todas as revoluções coloridas seguem à risca o mesmo modelo, e entender a natureza dessa tática de desestabilização na prática permitirá elaborar contramedidas adequadas para se defender contra ela. (KORYBKO, 2018, p. 113).

De acordo com a análise de Korybko, é possível resumir e compreender o processo para que ocorra uma revolução do tipo "colorida" por meio de uma fórmula composta de diferentes fatores, que é representada da seguinte forma: $m + e + p = R$. Nesta fórmula, o fator "R" representa a própria revolução enquanto resultado do

processo. Já o fator "m" simboliza o elemento "movimento", englobando a organização prévia dos atores e grupos insurgentes. O fator "e" indica o elemento "episódio" ou "evento", usualmente na forma de um incidente polêmico que atua como catalisador das energias acumuladas. Por fim, o fator "p" denota o elemento "infraestrutura", concernente aos meios concretos de mobilização e ação disponíveis para os grupos revolucionários.

Segundo sua análise, é a combinação ou soma destes diferentes fatores - ou seja, o somatório dos elementos movimento (m), acontecimento (e) e infraestrutura (p) - que efetivamente materializa o desdobramento do fenômeno da revolução do tipo "colorida", representado pelo fator R. Dessa forma, a fórmula proposta busca sintetizar os principais elementos organizativos, conjunturais e logísticos que, em sua perspectiva, estariam presentes como condição para qualquer processo revolucionário do referido tipo.

3.1.1 Movimento (m)

Korybko diz que a criação do movimento se dá através da interação de seis fatores:

A *Ideologia*, representa o ponto de partida fundamental, sendo o elemento aglutinador capaz de dar sentido e propósito aos demais fatores. Tradicionalmente, a ideologia que mobiliza as revoluções coloridas é a visão de democracia liberal, numa perspectiva de "libertar" e democratizar governos considerados não alinhados a essa visão, normalmente de nações não ocidentais. A ideologia estabelece o arcabouço conceitual que norteará toda a ação do movimento.

O *Financiamento* desempenha papel crucial pois permite viabilizar a concretização e disseminação efetiva da ideologia por meio da criação e manutenção de instituições e organizações pró-democráticas. O dinheiro "lubrifica" a sociedade e os mecanismos de influência, possibilitando novas formas de penetração ideológica na população. Transforma as ideias e conceitos em ações palpáveis, proporcionando locais e estruturas onde possa prosperar o cultivo da causa ideológica.

A *Infraestrutura Social* Representada pelos diferentes níveis de atores envolvidos diretamente, é composta pelo núcleo, tenentes e civis. O núcleo lidera as organizações, é altamente capacitado e mantém contato direto com os patrocinadores externos. Os tenentes desempenham funções administrativas e de recrutamento junto à população, buscando ascender na hierarquia. Os civis inicialmente simpatizam com a causa e alguns acabam participando dos atos públicos.

O *Treinamento* Permite multiplicar os recursos disponíveis nas demais frentes. O núcleo pode ser treinado externamente, enquanto os tenentes o são internamente pelo próprio núcleo e treinam os civis. Capítam aspectos financeiros, sociais e de disseminação de informação.

A *Informação* Tem como função primordial disseminar a ideologia de modo a catalisar apoios, utilizando-se das mídias e sociais para criar redes de influência e da propaganda para difundir a causa de forma acessível e assim gerar um veículo informativo paralelo.

A *Mídia* Representa o ápice, legitimando o movimento junto à opinião pública interna e principalmente externa. Atinge audiências globais, atraindo declarações de apoio político que fortalecem a luta contra o status quo a ser alterado.

3.1.2 Acontecimento (e)

De acordo com o modelo descrito, um elemento fundamental para o desencadeamento de uma revolução colorida é a ocorrência de um episódio catalisador, caracterizado como controversa e polarizadora pelos organizadores do movimento.

Esse evento tem a função de libertar toda a energia acumulada pelos grupos que promovem a desestabilização, fazendo com que as manifestações tomem proporções massivas e se apresentem de maneira amplamente visível para a sociedade e a comunidade internacional.

Ao maximizar a capacidade de ação das diferentes alas do movimento revolucionário, o episódio detonador funciona como um chamado público à adesão em massa da população à causa defendida. Ele opera como o gatilho concreto que efetiva o início propriamente dito do processo de revolução colorida.

Em suma, de acordo com a lógica descrita, um momento específico de elevada controvérsia e polarização operaria como disruptor necessário para ativar todas as estruturas e potencializar as dinâmicas capazes de promover uma alteração abrupta no governo do país, por meio de uma onda revolucionária organizada.

3.1.3 Infraestrutura (P)

O acontecimento e a inauguração da infraestrutura física caminham juntos no processo revolucionário. Essa infraestrutura possui dois componentes centrais:

A participação ativa da população como suporte físico à revolução. Isso ocorre quando o núcleo decide mobilizar tenentes e civis simpatizantes para demonstrar publicamente o apoio nas ruas. Exemplos incluem ocupações, aglomerações, manifestações e protestos;

O uso estratégico de objetos e locais físicos. Trata-se de elementos mais tradicionais como palanques, megafones, faixas etc. utilizados nas ações tangíveis do movimento e em campanhas publicitárias. Muitos desses itens também estão ligados à infraestrutura de informação.

Ambos os componentes precisam ser devidamente preparados antecipadamente, não se configurando como espontâneos. O primeiro trata do engajamento corporal popular propriamente dito, enquanto o segundo concerne aos equipamentos e logísticas físicas empregadas para dar visibilidade e força às mobilizações populares. Juntos, esses pilares materiais auxiliam a impulsionar o processo revolucionário após o estopim do grande acontecimento que desencadeia a ação de massas.

3.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS REVOLUÇÕES COLORIDAS NO MUNDO

Desde o começo do século XXI, pode-se observar ao menos seis casos de revoluções coloridas que lograram êxito, sendo dois deles na América Latina (Brasil e Bolívia); três deles em estados ex-membros da extinta URSS e um na Iugoslávia. Também houve três tentativas semelhantes às revoluções coloridas no oriente médio (Líbano, Kwait e Iraque).

Mas a maior revolução pró-ocidental que conseguiu se desenvolver, ser legitimada e alçada a um patamar nunca visto é o caso da Polônia, que conseguiu aprovar leis que igualam o comunismo ao nazismo e ao fascismo, proibindo quaisquer símbolos que remetam ao seu passado comunista e antiocidental e os tornando ilegais. É válido dizer que, desde 1989, quando o governo polonês pró-comunista foi derrubado, os interesses da Polónia vêm se aliando aos interesses ocidentais, sendo assim o caso polonês não é classificado como um caso de revolução colorida. Embora seu processo de transição tenha sido também marcado por forte influência ocidental, seja econômica, política ou cultural.

Leis como as que equiparam comunismo e nazismo refletem a vontade polonesa de romper definitivamente com o legado soviético e afirmar sua identidade na esfera de influência do Ocidente. Isso não impediu que a Polónia, assim como outros países do leste europeu, também enfrentasse tentativas de reaproximação da Rússia, seja por meio do soft power ou de questionamentos à influência da NATO/UE.

No livro "O Brasil no espectro de uma guerra híbrida", Lenier faz uma análise aprofundada do contexto político-social brasileiro que levou ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff durante seu segundo mandato. O autor constata semelhanças com o cenário vivido na Turquia em 2016, quando o país sofreu uma tentativa de golpe através de uma "revolução colorida" com o objetivo de colocar no poder um presidente ideologicamente alinhado aos EUA e Ocidente. Assim como na Turquia, o Brasil passava por turbulências neste período, com amplas manifestações populares pedindo o afastamento da então presidente Dilma. Lenier concluiu através de sua análise que movimentos como estes apresentavam características de operacionais de "guerra híbrida", visando desestabilizar o governos por meios que combinam pressão nas ruas, aparições de poderes institucionais e influência externa, como tentativa de impor uma mudança de rumos geopolítico no país.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de guerra híbrida tornou-se cada vez mais importante no estudo das relações internacionais à medida que novos conflitos enfatizam o seu carácter multifacetado. Embora o termo tenha surgido como um derivado dos modos de guerra convencionais e irregulares para descrever estratégias que misturam elementos de ambos, foi principalmente no início do século XXI que os teóricos começaram a aprofundar a sua análise deste modo complexo de guerra. Isso ocorreu porque conflitos como os do Afeganistão e Iraque evidenciaram os desafios de ambientes assimétricos, em que atores estatais enfrentavam oponentes irregulares que empregavam táticas variadas de guerra. Tais experiências propiciaram o amadurecimento conceitual sobre estratégias capazes de combinar de forma integrada diferentes dimensões do combate, de modo a desestabilizar adversários de maneira indireta.

Posteriormente, a intervenção militar russa na Ucrânia, entre 2014-2015, destacou ainda mais claramente a mistura de guerra convencional com os elementos não convencionais como, a desinformação, ciberataques e manobras paramilitares. Esses casos serviram como catalisadores para o amadurecimento conceitual em torno

da guerra híbrida, apontando para uma nova forma de se travar conflitos que incorpora diferentes modalidades - regular e irregular - de uma forma integrada, a fim de desestabilizar adversários de maneira indireta.

Nesse sentido, autores como Frank Hoffman desempenharam importante papel ao sistematizar a compreensão desse fenômeno em suas múltiplas dimensões. Os casos recentes da intervenção russa na Ucrânia e as “revoluções coloridas” patrocinadas pelo Ocidente em nações aliadas de Moscou e Pequim demonstram como essa estratégia se tornou uma realidade geopolítica relevante nos dias de hoje.

A característica assimétrica da guerra híbrida dificulta a resposta estatal e leva a intensificação dos conflitos de forma indireta. Assim, conclui-se que tal conceito vem sendo aprimorado à medida que novos desafios estratégicos surgem, o que reflete a constante evolução das formas de conflito e a capacidade dos atores se adequarem às novas realidades dos campos de batalha.

Compreender o fenômeno da guerra híbrida é essencial para interpretar os cenários geopolíticos contemporâneos. Os países que se depararem com campanhas híbridas enfrentarão significativos desafios para detectar e responder adequadamente a essa nova modalidade de conflito. Isso porque as ações nas múltiplas esferas que compõem uma estratégia híbrida têm como objetivo principal explorar as assimetrias e lacunas nas capacidades de um adversário.

Um primeiro obstáculo diz respeito à dificuldade de atribuir com clareza a autoria de determinadas ações, como ciberataques ou campanhas de desinformação nas redes sociais. Isso porque nesses domínios é relativamente fácil aos atores encobrir seu envolvimento por trás de perfis falsos. Além disso, é complexo avaliar a influência de tais ações sobre a opinião pública e a tomada de decisão de lideranças. Do ponto de vista da resposta militar, uma guerra híbrida busca manter os confrontos abaixo do limiar de uma guerra aberta, frustrando a aplicação da força convencional. Isso porque a mistura com elementos não beligerantes do conflito prejudica a percepção de um ato de agressão, dificultando uma resposta proporcional. Na esfera jurídica e política, há desafios para o delineamento de leis e doutrinas capazes de respaldar uma atuação efetiva contra as diferentes modalidades de uma guerra híbrida, que se valem de zonas cinzentas normativas.

Estrategicamente, também é complexa a definição de marcos conceituais amplos o suficiente para interpretar as ameaças híbridas. Portanto, a assimetria inerente a esse novo formato de conflito coloca obstáculos consideráveis aos países que se pretendem resguardar desse tipo de ameaça. Exige-se grande esforço para o desenvolvimento de novas capacidades, adaptações políticas e militares, além de maior cooperação internacional.

O conceito de guerra híbrida evidencia como os conflitos bélicos estão em constante processo de transformação adaptativa aos avanços tecnológicos e às mudanças no sistema internacional. Ao longo da História, as nações e demais atores de poder sempre buscaram dominar seus adversários valendo-se das inovações e das assimetrias a seu favor.

Nesse sentido, as estratégias híbridas representam a mais recente etapa nesse processo evolutivo, combinando elementos convencionais dos conflitos interestatais com novas ferramentas disponíveis no ciberespaço e domínios cognitivos. Por meio dessas abordagens multifacetadas, atores antagônicos conseguem driblar as vantagens tradicionais dos rivais nos campos de batalha formais.

Além disso, questões culturais também influenciam as modificações nas formas da guerra. No mundo atual, marcado por sociedades cada vez mais interconectadas e sensíveis à opinião pública, pressionar o inimigo por meio da opinião pública e das redes tornou-se crucial. Daí a centralidade da informação e da comunicação nos conflitos híbridos do século XXI. Do ponto de vista estratégico, portanto, essa nova modalidade conflitiva exemplifica a capacidade dos atores se manterem competitivos no sistema internacional, mesmo diante de assimetrias, valendo-se do emprego astuto de todas as ferramentas disponíveis. Trata-se de mais uma prova da constante evolução das formas bélicas em direção a métodos que busquem contornar restrições e explorar vulnerabilidades adversárias.

REFERÊNCIAS

HOFFMAN, F. G.; POTOMAC INSTITUTE FOR POLICY STUDIES. **Conflict in the 21st century: the rise of hybrid wars**. Arlington, Va: Potomac Institute For Policy Studies, 2007.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LEIRNER, P. C. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2020.

LIND, William S. Understanding Fourth Generation War. **Antiwar.com**. Janeiro 2004. Disponível em: <<https://original.antiwar.com/lind/2004/01/15/understanding-fourth-generation-war/>>. Acesso em: 16/09/2023

MONIZ BANDEIRA; S PINHEIRO GUIMARÃES. **A segunda guerra fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos: das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio**. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2013

NATO, 2014. North Atlantic Treaty Organization. Disponível em: <http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_112964.htm>. Acesso em: 20/09/2023.